

Garimpendo memórias do Curso de Museologia da UFRGS: reminiscências de uma formação universitária

Panning memories from the Museology Course at UFRGS: reminiscences of a university education

Ana Carolina Gelmini de Faria*

Márcia Regina Bertotto**

Marlise Maria Giovanaz***

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino****

Resumo: A proposta textual, de caráter reflexivo, propõe um balanço avaliativo dos catorze anos de atuação do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e seus desdobramentos, como o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, que completou cinco anos de funcionamento. Tal exercício envolve uma dimensão informativa, produto de uma análise acadêmica de fatos e dados, e uma dimensão poética, que se vale de memórias compartilhadas por diferentes sujeitos que têm a Museologia da UFRGS como um marco em suas vidas: seja na condição de discentes, docentes, egressos, técnicos-administrativos, ou mesmo colaboradores da formação. A mescla das dimensões permite identificar objetividades e subjetividades que dão dinamicidade ao exercício de formar futuros profissionais do campo museal. O estudo avaliativo, ancorado nos preceitos da Memória Social, se valerá de fontes documentais (projetos político-pedagógicos, ementários, documentos oficiais, entre outros) e de fontes orais (memórias compartilhadas na subcoleção Afetividades Sonoras, do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias) que constituem um patrimônio histórico-educativo da formação em questão e permitem a inserção da Museologia na produção da História da Educação do Ensino Superior. A proposta estimula a partilha de experiências que a dimensão material não contempla isoladamente. A investigação valoriza as pessoas e suas relações, força motriz da formação.

Palavras-chave: História da Educação do Ensino Superior. História do Ensino da Museologia. Museologia na UFRGS. Patrimônio histórico-educativo.

Abstract: The textual of a reflective nature proposes an evaluative balance of the fourteen years of performance of the Bachelor's Degree in Museology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and its developments, such as the Graduate Program in Museology and Heritage, which completed five years of operation. Such an exercise involves an informative dimension, the product of an academic analysis of facts and data, and a poetic dimension, which makes use of memories shared by different subjects who have the Museology of UFRGS as a milestone in their lives: whether as students, teachers, graduates, administrative technicians, or even training collaborators. The mixture of dimensions allows the identification of objectivities and subjectivities that give dynamism to the exercise of training future professionals in the museum field. The evaluative study, anchored in the precepts of Social Memory, will

* Museóloga e Doutora em Educação. Professora do DCI/FABICO/UFRGS, atuando no Curso de Museologia, e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UFRGS). carolina.gelmini@ufrgs.br

** Museóloga e Doutora em Museologia. Professora do DCI/FABICO/UFRGS, atuando no Curso de Museologia, e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UFRGS). mbertotto67@gmail.com

*** Historiadora e Mestre em História. Professora do DCI/FABICO/UFRGS, atuando no Curso de Museologia. marlise.giovanaz@ufrgs.br

**** Museóloga e Doutora em Educação. Professora do DCI/FABICO/UFRGS, atuando no Curso de Museologia, e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UFRGS). vanessa.barrozo@ufrgs.br

make use of documentary sources (political-pedagogical projects, syllabuses, official documents, among others) and oral sources (memories shared in the Afetividades Sonoras sub-collection from the extension program Museology at UFRGS: trajectories and memories) that constitute a historical-educational heritage of the training in question and allow the insertion of Museology in the production of the History of Higher Education Education. The proposal encourages sharing experiences that the material dimension does not contemplate in isolation. Research values people and their relationships, the driving force of training.

Key-words: History of Higher Education Education. History of Museology Teaching. Museology at UFRGS. Historical-educational heritage.

1. Garimpando memórias e documentos: o que fica do cotidiano de uma formação em Museologia?

O curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) completou 14 anos de formação de museólogos na região sul do Brasil. Em agosto iniciamos o ciclo que nos levará, em 2023, a uma década e meia de existência. Em números, estamos nos referindo a 15 turmas iniciadas, que totalizam 477 ingressos e 139 egressos. Nos bastidores, são professores e técnicos de diferentes áreas do conhecimento amparando o aprendizado de habilidades e competências do fazer museal, uma participação mais difícil de mensurar. Se formos exagerar na matemática, são 5.110 dias de muito esforço para qualificar um curso que divide espaço com outras formações consideradas tradicionais na UFRGS, que buscou consolidação no Ministério da Educação (MEC) e reconhecimento entre os pares. Esse é um exercício diário e exige uma energia que ultrapassa as salas de aula.

A demonstração numérica será abandonada a partir de agora, porque a questão norteadora deste artigo é: o que fica do processo de uma formação universitária em Museologia? Responder à pergunta é uma provocação assumida por discentes, docentes, egressos e técnicos que compõem o programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* - que tem por objetivo preservar, pesquisar e comunicar um patrimônio histórico-educativo que permita inserir a Museologia nos estudos da História da Educação do Ensino Superior do Brasil. Essa é uma operação que vai além de uma abordagem quantitativa: é um exercício de valorização das pessoas que dão propósito à formação em Museologia da UFRGS. Diante desse desafio que se constitui a subcoleção Afetividades Sonoras, que registra episódios que marcaram a vida dos/as protagonistas envolvidos/as com a formação em Museologia da UFRGS, estimulando conexões entre os diferentes sujeitos¹.

¹Para conhecer o programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias* e a subcoleção Afetividades Sonoras, ver em: <http://memoriamsufrgs.online/tainacan/>. Acesso em agosto de 2022.

A coleta museal da subcoleção envolve a doação de relatos em áudio, com o envio de uma imagem de referência que rememore visualmente uma narrativa selecionada de sua vivência no curso. Fotografias, criações artísticas e outras materialidades são interpretadas por narradores/as diversos/as, tornando-se a subcoleção mais democrática do programa de extensão, seja por ter ampliado a inserção de novos/as agentes, seja pela escolha de acervos inéditos a serem preservados, ou mesmo pela ampliação da dimensão simbólica compartilhada pelas narrativas.

Cada registro é uma interpretação de episódios considerados importantes na formação daquele sujeito e, conseqüentemente, uma perspectiva da história do ensino da Museologia no Brasil. Pretende-se apresentar a formação na UFRGS a partir desses vestígios, analisando passagens que possivelmente não teriam destaques em fontes documentais, mas que marcaram a vida de pessoas que se dedicaram à formação, logo, importantes leituras de sua caracterização. Destacaremos em quatro seções, a partir das memórias evocadas, seu desenvolvimento: a primeira seção, guiada pela memória intitulada *O primeiro contato*, aborda o início do curso (concepção, missão, estrutura); a segunda memória, intitulada *Museologia e Museologia em Resistência*, é ponto de partida para uma análise da formação humanística do curso. A terceira seção dará conta da inserção social e cultural do/a futuro/a profissional, e para a análise das diferentes relações que o curso estabelece com a sociedade a memória *Sempre aprendendo* torna-se norteadora desse balanço. A última seção tentará expressar as relações afetivas que ficam nessa passagem pela Museologia da UFRGS, um dos vestígios mais difíceis de mensurar. A memória *Museologia do Afeto* contribui com algumas pistas.

Esse texto poderia ser escrito de muitas formas, mas acreditamos que trazer à tona essas memórias é também uma forma de homenagear todas as pessoas que contribuíram para a legitimação da formação em Museologia na UFRGS. Desejamos que esse exercício analítico seja um momento de valorização e reconhecimento do que dá sentido à vida universitária: as pessoas.

2. O primeiro contato

Meu primeiro contato

Meu nome é Ana Celina, eu tenho muitas memórias afetivas, muitas memórias do coração em relação ao curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tanto em relação aos

professores do curso, todos os professores, não quero cometer nenhuma injustiça com ninguém, então não vou mencioná-los, e também em relação aos meus colegas da primeira turma de Museologia que ingressou em 2008. Mas como tem que selecionar uma entre tantas memórias boas e carinhosas, eu resolvi relatar o meu primeiro contato com o curso, antes do curso iniciar. É algo que aconteceu em 2007, onde a universidade divulgou em uma tarde de 2007 - não me lembro exatamente o dia - que o Departamento de Ciências da Informação faria uma apresentação do Curso de Museologia, que teria o seu primeiro vestibular em 2008. Deu a calhar que era uma tarde que não trabalhava, que não teria aula e eu entrei em contato para ver se era pra comunidade (fiquei até na dúvida) e sim, era aberto ao público e eu fui, fui lá de tarde para ouvir qual era a proposta do curso, como era a estrutura. E lá encontrei quem falou em nome do Curso, na época o diretor até era, se não me engano, o professor Valdir Morigi, mas quem falou em nome do curso foi a professora Ana Maria Dalla Zen, claro que ela estava representando um grupo de muitas pessoas, de muitos professores que estavam engajados na construção do curso e nesse ponto destaco a professora Iara Bittencourt, a professora Marlise Giovanaz, que atuaram muito, mas a Dalla (como a gente chama ela carinhosamente) é que falou, e me lembro até hoje da figura, da presença dela naquele dia. Ela estava muito bonita, com um vestido preto, maquiada, muito elegante, estava muito bonita, e ela falou com um entusiasmo tão grande do Curso, com uma alegria, com uma satisfação que me contagiou. Até inclusive ela mencionou que já poderia se aposentar, mas que esse projeto fez com que quisesse permanecer, tinham coisas a serem feitas ainda. Ela sentia isso. Eu só tinha visto uma vez a professora Dalla, não conhecia ela, mas a alegria dela, a forma como ela colocou as coisas me encheram de vontade, eu estava receosa se deveria ou não prestar vestibular - afinal fazia tantos anos que eu não estudava, já tinha outra formação, um pouco na dúvida, um pouco no medo, tinha 42 anos, iniciar uma graduação novamente - mas ela foi tão entregue, percebi a entrega dela no projeto desse curso que eu saí de lá com certeza absoluta que eu deveria fazer o vestibular, cheia de esperança e coragem. E fiz, prestei o vestibular em janeiro de 2008, tive a sorte de passar, de fazer parte da primeira turma da Museologia. Claro, no início a gente tem todas as dificuldades, o que é normal, mas o que a Dalla representou naquele dia, alegria, esperança e coragem, foram a marca da trajetória do início do Curso. E se não fosse ela, se não fosse naquela tarde ouvi-la, eu não sei se teria feito, ela me deu esse empurrão sem saber, que fez eu fazer o Curso. E hoje eu tenho a alegria de fazer parte do corpo docente desse Curso. Isso faz a gente refletir da importância desse primeiro contato e como é importante a gente se apaixonar pelas coisas que a gente faz, e a professora Ana Maria Dalla Zen realmente é uma apaixonada pelo que ela faz, é uma apaixonada pelo Curso de Museologia. A minha memória carinhosa, que guardo dentro do coração, é essa. É a primeira, vieram muitas depois, mas essa é especial. (SILVA, 2021, inf. verbal)

Como nasce um curso universitário? Não é comum na carreira acadêmica que se possa acompanhar um curso desde os seus primeiros passos, e para alguns de nós, professoras/es do Departamento de Ciências da Informação (DCI) da Faculdade de Biblioteconomia (FABICO) da UFRGS, foi possível testemunhar este evento. O ano era 2006 e a então Chefe do DCI era a professora Iara Conceição Bittencourt Neves,

alguém que havia sonhado e rascunhado já em 1991 uma primeira tentativa em criar um curso de Museologia na Universidade, mas quinze anos após estava determinada a realizar o projeto. Neste ano foi formado, então, o Grupo de Trabalho de Estudo da Viabilidade da Criação do Curso de Museologia no DCI, com a Portaria 07/06², grupo este composto inicialmente por professores do Departamento (figura 1). Como colocam Freire e Guimarães (2021) um dos imperativos do educador na contemporaneidade é continuar a ser utópico e a ter sonhos, porque a pedagogia deve preencher os buracos onde a memória dos fatos ainda não foi fixada. Neste sentido, o sonho da professora Iara Bitencourt Neves e sua capacidade em mobilizar colegas e a própria universidade foi um elemento essencial no nascimento do Curso de Museologia da UFRGS.



Figura 1 - Fotografia da reunião final do Grupo de Trabalho para Implantação do curso de Museologia. Fonte: Programa de Extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, Coleção Institucional, Item MSL1.10³.

O trabalho foi coordenado pela professora Ana Maria Dalla Zen, que no ano de 2007 já tinha uma proposta bastante organizada de como esta graduação seria. O período final do trabalho do grupo coincidiu com o estabelecimento por parte do MEC do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). As professoras Ana Maria Dalla Zen, Iara Bitencourt Neves e o diretor da FABICO Valdir

² Número de registro MSL1.5 da Coleção Institucional, disponível em: <https://memoriamslufgrs.online/tainacan/colecao/institucional/>. Acesso em setembro de 2022.

³ Número de registro MSL1.10 da Coleção Institucional, disponível em: <https://memoriamslufgrs.online/tainacan/colecao/institucional/>. Acesso em setembro de 2022.

Morigi tiveram a percepção de que este programa poderia viabilizar a implantação do Curso a partir da possibilidade de conseguir verbas para laboratórios e materiais necessários, bem como conquistar novas vagas docentes para a unidade. A adesão ao REUNI tornou possível, do ponto de vista financeiro e de formação de equipe, o Curso da UFRGS que foi o primeiro a aderir a este sistema, sendo seguido posteriormente por todos os outros cursos de Museologia no país (OLIVEIRA; COSTA; NUNES, 2012).

Foi depois deste processo consumado que, em setembro de 2007, um convite (Figura 2) chegou às mãos da hoje professora Ana Celina Figueira da Silva. Propagandeado junto à comunidade acadêmica e aos museus locais, o evento atraiu um grande público. Para a maioria dos participantes a formação em Museologia ainda era uma novidade, apesar de o Curso já existir na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desde 2006, ainda não havia nenhum grupo acadêmico com a formação concluída. A performance da professora Ana Dalla Zen encantou a ouvinte interessada Ana Celina Figueira da Silva e, provavelmente, outros/as dos/as participantes do evento de lançamento. Em 2008 ingressou o primeiro grupo de discentes via vestibular.

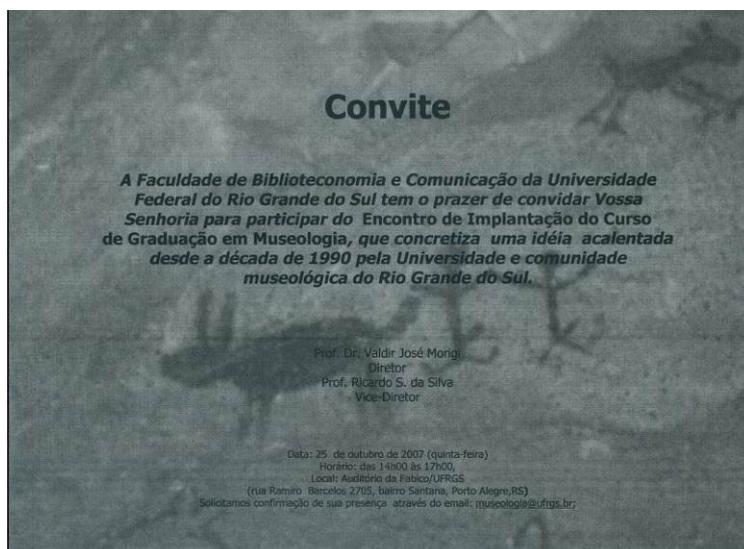


Figura 2 - Convite do Encontro de Implantação do Curso de Museologia. Fonte: Programa de Extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, Coleção Itinerários, Item MSL6.1.10⁴.

Os primeiros anos de funcionamento do Curso foram de muita agitação e de novidades. A primeira museóloga que veio atuar como professora substituta foi Valéria Abdalla, que ficou por dois anos lecionando na graduação e contribuiu enormemente na formação dos/as primeiros/as alunos/as. De dentro da Universidade o DCI

⁴Número de registro MSL6.1.10 da Coleção Itinerários, disponível em: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan/colecao/itinerarios/>. Acesso em setembro de 2022.

conseguiu trazer um nome importante que já atuava no campo da pesquisa em Museologia, a professora Zita Possamai. Foi também o período dos primeiros desafios, dois concursos para docente foram abertos, tendo o requisito de formação em Museologia e não houve inscritos. Em 2011 ingressaram na carreira docente por concurso os dois primeiros professores museólogos permanentes, que foram Ana Carolina Gelmini de Faria e Julio Bittencourt Francisco, consolidando finalmente o projeto.

O Curso foi estruturado no DCI, onde já funcionavam os cursos de graduação em Arquivologia e em Biblioteconomia. Foi implantado neste Departamento, pois foi onde estavam em atuação as professoras que primeiro sonharam esta formação. O vínculo com as Ciências da Informação não existe exclusivamente na UFRGS, se estabelece também na Universidade Federal de Brasília (UNB) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possivelmente este vínculo tenha atribuído características específicas nos primeiros anos de funcionamento da formação, quando ainda nem todas as vagas docentes haviam sido liberadas, nem os laboratórios específicos tinham se constituído totalmente. Em 2014, seis anos após a criação da graduação já estavam sendo realizadas as primeiras mudanças curriculares, adequando as atividades ao corpo docente que se constituía, às parcerias e convênios que foram se construindo na trajetória, e assim vem se realizando na prática aquilo que um dia foi sonho, foi projeto, foi utopia. Foi necessário construir o caminho ao mesmo tempo em que se caminhava, sonhando e buscando na memória por exemplos, mas agindo na prática e inovando, pois só assim avançamos (FREIRE; GUIMARÃES, 2021).

3. Sempre aprendendo

Sempre aprendendo

Meu nome é Lourdes Maria Agnes, eu fui aluna do Curso de Museologia no período de 2012 a 2018. Tenho muitas e boas lembranças, pois eu voltei aos banco*s universitários depois de trinta anos e esse retorno foi uma renovação do olhar sobre a sociedade quando as nossas instituições museológicas refletem uma parte dela em seus acervos, exposições e sua programação. Nesse sentido, a exposição curricular que a gente programou, a nossa turma em 2017 - "Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão" - foi uma oportunidade de exercer esse diálogo com o público a respeito da história da mulher ao longo do tempo, sobre o aspecto comportamental dessa violência manifestada pela sociedade machista que perpetua comportamentos pela visão de valores que já não condizem com essa mulher que conquistou e abriu espaços nos últimos tempos em diferentes campos, seja no trabalho, na educação,

no estudo, na ciência... E ainda tem uma terceira jornada em casa, quando ela é mãe e mantenedora de uma família. Então, essas reflexões acerca, já programadas pelas nossas pesquisas e textos expográficos, tudo... foi, assim, culminada com uma visita que a gente teve do Prof. Mário Chagas, em um sábado pela manhã, pois ele estava aqui em Porto Alegre participando do Fórum Nacional de Museus... E essa visita na exposição nos proporcionou novas observações, informações e avaliações de todo o processo, de construção dessa atividade prática em grupo, que é um desafio bem enriquecedor, mas é um desafio realmente pois tu tens que trabalhar, discutir, dividir, acatar opiniões, apresentar teus pensamentos e chegar em um consenso para que o grupo todo aceite e seja feito um trabalho coletivo. Então, eu só tenho a agradecer aos professores que eu tive também e aos amigos que eu ganhei ao longo do Curso. Muito obrigada! (AGNES, 2020, inf. verbal).

A partir das memórias compartilhadas pela egressa Lourdes Agnes é possível tecermos algumas considerações acerca dos movimentos que o Curso de Museologia realiza no âmbito da inserção social e cultural dos/as futuros/as profissionais da área. Um movimento que merece destaque são as exposições curriculares, objeto de reflexão e lembrança vivida por Lourdes em seu relato sobre a experiência intensa de concepção, pesquisa, planejamento, realização e avaliação da 8ª exposição do Curso. Esse exercício acadêmico que acontece ao longo do 5º, 6º e 7º semestres da graduação, reúne um arcabouço teórico e metodológico no campo da curadoria expográfica, com ênfase nas reflexões sobre o papel das exposições como importante meio de comunicação (CURY, 2005; BLANCO, 2009; DAVALLON, 2010; CHAUMIER, 2013) e sobre as diferentes estratégias e elementos da construção expográfica. Cabe salientar que todas as reflexões e aprendizados proporcionados pelas disciplinas anteriores são fundamentais para a construção de um olhar crítico sobre as problemáticas relevantes que atravessam a sociedade e que merecem ser tensionadas por meio de uma narrativa expográfica.

Ao realizarmos um balanço sobre as doze exposições realizadas, incluindo duas em ambiente digital⁵ cabe salientar as transformações, desafios e aprendizados que foram proporcionados através dessa atividade acadêmica. Desde a primeira exposição do Curso - *Do Confessionário ao Wireless: Landell de Moura o padre-inventor* que aconteceu no Memorial do Rio Grande do Sul em 2011 até a 12ª exposição curricular realizada em 2022 no Museu da UFRGS - *Brasil: Vermelho como*

⁵ Nos primeiros dois anos de pandemia de COVID-19, a UFRGS decretou a suspensão das atividades acadêmicas presenciais por razões sanitárias e estabeleceu o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Em 2020 e 2021, o Curso de Museologia orientou e realizou duas exposições curriculares em formato digital, a saber: *No escurinho do cinema: memória e sociabilidade em Porto Alegre* e *EMARANHADO: reflexões sobre a cibercultura*. As exposições estão preservadas no repositório do Programa de Extensão "Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias", disponível em: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan/colecoes/>. Acesso em setembro de 2022.

Brasa - é possível identificar o potencial dialógico e reflexivo característico desse exercício de ampla interlocução com a sociedade.

Exposições são poemas: contam e cantam a Vida, passada e presente; interpretam; profetizam o futuro: antevêm verdades... Exposições, objetos e quem as faz não são neutros [...] Não estamos falando nem de museus, nem de profissionais, nem de objetos ou exposições neutros ou inocentes; falamos de pessoas e coisas ligadas à vida, carregadas de intenções e significados, de mensagens e profecias, de realidade e utopia (GUARNIERI, 1986, p. 143).

Essas experiências curatoriais voltadas para a elaboração de exposições museológicas permitem que os/as futuros/as Museólogos/as ampliem seus horizontes, suas redes de contato com instituições, colegas e profissionais de diversas áreas do conhecimento e sua compreensão de mundo, estabelecendo diálogos com diversos grupos sociais. Nessa linha, destacamos, com base nas memórias da egressa Lourdes Agnes, a parceria estabelecida com os coletivos em defesa dos direitos das mulheres, como foi o caso do Coletivo Feminino Plural de Porto Alegre, grupo criado em 1996.

Esta parceria agregou reflexões para a narrativa da exposição e o empréstimo de objetos do seu acervo que integraram o núcleo expositivo voltado às lutas femininas, acrescentando outros valores ao movimento e estabelecendo diálogos e conexões com outros públicos (Figura 3). Além de todas as reverberações que a realização de uma exposição proporciona aos docentes, técnicos e discentes envolvidos, nesse caso em específico, ela também originou um Trabalho de Conclusão de Curso em 2018, abordando justamente a coleção fotográfica do Coletivo Feminino Plural de Porto Alegre/RS⁶.

⁶ O TCC "MULHERES, LUTAS E REPRESENTAÇÕES: A coleção fotográfica do Coletivo Feminino Plural (Porto Alegre/RS)" de Rossana Klippel de Souza José foi concluído em 2018. Rossana Klippel foi uma das estudantes-curadoras da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* e a partir da pesquisa sobre o tema da exposição conheceu o coletivo, suas atividades e seu acervo. Para saber mais acesse: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/181715>.



Figura 3 - Núcleo (Des) Igualdade da exposição Nós Podemos! - registro de visitação durante o evento. UFRGS Portas Abertas (2017) Fonte: CRIAMUS, 2017.

Logo, percebemos que essa experiência de curadoria compartilhada extrapola os muros da Universidade proporcionando uma imersão no tema escolhido através de ações de pesquisa e extensão em diferentes acervos e instituições dentro e fora da cidade de Porto Alegre, oportunizando encontros e diálogos com grupos sociais variados, produções de artigos e de monografias analisando essas experiências, novos espaços para estágios curriculares, reforçando o potencial dessa atividade que não se limita à sala de aula.

O que se percebe é que mesmo se tratando de um exercício acadêmico, todas as exposições curriculares são encaradas com uma atividade profissional pelos alunos e pelos parceiros externos envolvidos, fazendo com que os acadêmicos se envolvam em todas as etapas do início ao fim deste longo processo. A experiência museológica faz parte do indivíduo, é sobretudo uma experiência vivencial. Não podemos pensar as exposições curriculares como produtos estáticos, ao contrário, foram concebidas coletivamente e é na pluralidade que se fortalecem: nas percepções de cada sujeito somadas às diferentes formas de pensar o tempo, o espaço, a memória, os valores culturais (TEIXEIRA; FARIA; MACHADO; 2015, p.108).

Nessa perspectiva, é significativo destacar outros movimentos de inserção e diálogo com a sociedade propostos pelo Curso através dos seus projetos de extensão. Ainda no âmbito das exposições museológicas podemos destacar a parceria com o coletivo *nuances* - grupo pela Livre Expressão Sexual, que em 2021 completou 30 anos atuando pelos direitos da comunidade LGBT gaúcha (GIOVANAZ; FARIA, 2022) e que já produziu exposições de forma colaborativa e compartilhada com o Curso de

Museologia, onde destacamos: *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação*⁷ (2019) que aconteceu no Memorial do Rio Grande do Sul e *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre* (2021) que aconteceu em diferentes bares da capital, numa proposta inovadora de exposição realizada na rua em pontos específicos da cidade. As duas atividades envolveram demandas que partiram do grupo *nuances* e que contaram com a participação ativa de docentes, técnico museólogo, discentes e membros do coletivo na concepção, planejamento e execução das mostras. Sobre a exposição *Nega Lú* é válido pontuar que:

A escolha de realizar o projeto nas ruas foi uma experiência singular para todas as pessoas que interagiram com a exposição: para o *nuances* foi a afirmação de seu papel e responsabilidade social, celebrando os trinta anos de atuação nas ruas de Porto Alegre; para os proprietários dos bares uma ressignificação de seus espaços, possibilitando inclusive pensá-los enquanto evidências históricas da cidade; para os transeuntes uma oportunidade de ter contato com a cultura em suas rotinas corriqueiras - muitos que visitaram os núcleos não possuem o hábito de frequentar museus. Destaca-se, ainda, a importância da iniciativa para a equipe curatorial: na dimensão prática foi um desafio planejar núcleos ao ar livre, que não tivessem nenhum controle sobre possíveis avarias e intempéries, além de algumas edificações serem tombadas, não podendo fazer uso de materiais interventores nas paredes, por exemplo. Na dimensão social teve-se a chance de propor um exercício museal afetivo, com abordagem afirmativa em prol das muitas diversidades que a *Nega Lú* representa: orientação sexual, classe social, raça e etnia, religião, entre outros aspectos (GIOVANAZ; FARIA, 2022, p. 100).

O Curso de Museologia ao longo de sua trajetória é marcado pela concretização de vários projetos de ensino, pesquisa e extensão. Sem dúvida, todos mereceriam um capítulo à parte nessa produção, todavia, foi preciso selecionar algumas iniciativas que integram a história do Curso com ênfase nas diferentes relações estabelecidas com a sociedade a partir da extensão universitária. Nesse sentido, destacam-se projetos e programas voltados à criação e/ou consolidação de museus comunitários, como é o caso da parceria estabelecida com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião no bairro Lomba do Pinheiro e com o Museu das Ilhas localizado no Ilha da Pintada, ambos situados em zonas periféricas da cidade de Porto Alegre. As ações junto à comunidade da Lomba do Pinheiro estiveram vinculadas ao Programa de Extensão “Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania” criado em 2009 e que desenvolveu uma série de

⁷ Essa exposição foi objeto de estudo do TCC “nuances DO ARCO-ÍRIS: práticas de Museologia LGBT na UFRGS” desenvolvido pela estudante Elisângela Silveira de Assumpção no Curso de Museologia em 2021. A monografia completa está disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234824>. Um recorte da pesquisa foi publicado como artigo no Dossiê Museus e Museologia LGBT+ da Revista Museologia & Interdisciplinaridade (2022), disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/view/2214>

atividades no âmbito da educação para o patrimônio, incluindo rodas de memória com a comunidade utilizando a metodologia de História Oral e ações de turismo comunitário através do Lombatur (MINUZZO, 2011). Esse programa foi uma das primeiras parcerias do Curso no campo da extensão e se manteve durante anos, rendendo várias publicações como o livro “Aulas de Museu” organizado pela Prof^a Dr^a Ana Maria Dalla Zen (2016) (Figura 4), diversas comunicações em eventos, experiências de estágios curriculares e um TCC defendido em 2011⁸.

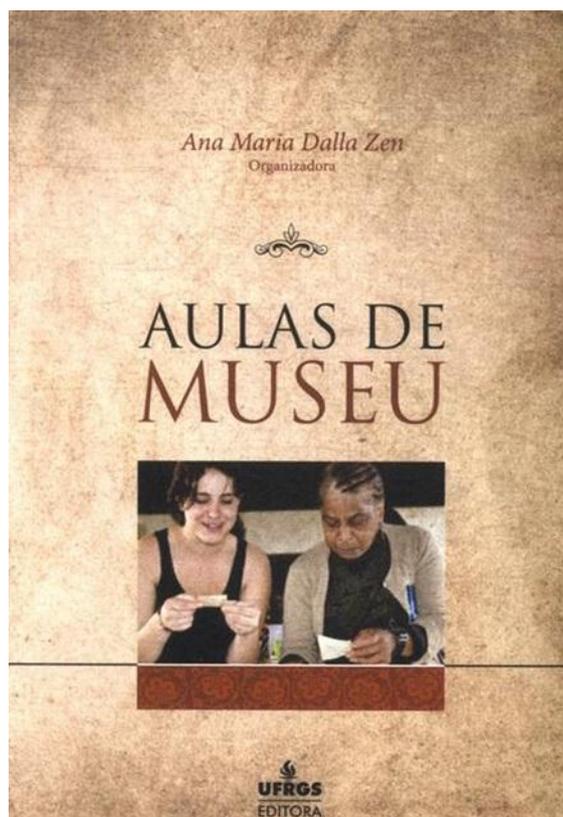


Figura 4 - Capa do Livro “Aulas de Museu” (2016). Fonte: Das autoras, 2022.

As relações entre o Curso de Museologia e o Museu das Ilhas nascem em 2012 e são fruto de um movimento que partiu da comunidade através de “um chamamento feito por um grupo de mulheres superpoderosas que faziam artesanato com escamas de peixe e que se deram conta do significado de seu fazer como patrimônio local” (ZEN, 2016, p. 141). Essa iniciativa reverberou na criação do Programa de Extensão “Ilha da Pintada, Mulheres, Trabalho e Desenvolvimento

⁸ O Programa de Extensão “Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania” foi objeto de estudo do TCC “Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania: vozes, olhares e expectativas de seus agentes e atores sociais” de Davi Kura Minuzzo defendido em 2011. O trabalho está disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40128?locale-attribute=pt_BR

Sustentável” que desenvolve diferentes ações no âmbito da preservação do patrimônio cultural das ilhas e na valorização da comunidade, contando com a participação ativa dos moradores e de docentes e discentes do Curso de Museologia. Vale salientar que em 2013, este programa, na época coordenado pela Prof^a Ana Maria Dalla Zen, foi vencedor do Prêmio Santander Universidades na categoria Universidade Solidária⁹. Atualmente, é possível afirmar que o Museu das Ilhas se transformou em um espaço cultural importante para o bairro, sendo “incorporado à comunidade, se tornando um museu efetivamente comunitário” (ZEN; FARIA, 2021, p. 133) (Figura 5).



Figura 5 - Visita ao circuito do Museu das Ilhas de Porto Alegre. Fonte: ZEN; FARIA, 2021, p.133

Tanto o Programa da Lomba como o Programa vinculado à Ilha da Pintada, desenvolvem atividades que dialogam diretamente com as questões que atravessam o cotidiano das comunidades, os dilemas e desafios da preservação dos patrimônios locais e, sobretudo, a constituição de relações de pertencimento que consolidam esse processo de preservação por parte dos sujeitos que ressignificam seus bens culturais. O que percebemos é que estamos sempre em constante aprendizado, identificando e compreendendo as especificidades de cada lugar, de cada realidade e construindo de forma colaborativa ações museológicas possíveis e dinâmicas, que façam sentido para todos os envolvidos.

⁹ Para saber mais: <https://www.ufrgs.br/propesq1/propesq/premio-santander-universidades-2013-divulgavencedores/>

O Museu das Ilhas é resultado de uma demanda comunitária. Ainda que tenha uma sede para exposições de média duração, sua potência centra-se no patrimônio distribuído pelo território, considerando, inclusive, a comunidade seu principal valor. É a partir das relações entre os sujeitos que a realidade é interpretada e a natureza, as construções humanas e os saberes e fazeres ganham sentido. O peixe, ícone do Museu das Ilhas, talvez seja o melhor exemplo desse museu-processo, pois é, ao mesmo tempo, fonte de renda da comunidade pesqueira; assado numa taquara, torna-se almoço tradicional para os visitantes, na Semana Santa é considerado prato principal, e seus resíduos, na forma de ossos e couro, se convertem em belíssimas biojoias nas mãos das artesãs. Produto da vida dinâmica que se fortalece em suas bases identitárias, o Museu das Ilhas tornou-se espaço de articulação, integração e resistência de uma comunidade que, entre outros problemas, luta cotidianamente contra o declínio da pesca em função do aquecimento das águas, com a consequente queda na quantidade de peixes, e da desleal concorrência das empresas da indústria pesqueira. O lago Guaíba torna-se uma arena de luta pela sobrevivência, mas também se ressignifica nas mãos de quem precisa dele para se manter (ZEN; FARIA, 2021, p. 138).

Criado em janeiro de 2022, o Programa de Extensão “Museu Oficina de Criatividade (MEOC-HPSP): diálogos museológicos e museográficos sobre Arte e Saúde Mental” objetiva desenvolver ações de salvaguarda e preservação junto ao Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) (Figura 6), espaço de reabilitação psicossocial que possui uma trajetória de mais de 30 anos na defesa dos direitos humanos e na luta antimanicomial (NEUBARTH, 2009). A Oficina, ao longo de sua existência, proporcionou aos frequentadores um espaço de afeto e liberdade de criação artística em diferentes linguagens (pintura, desenho, bordado, escrita, escultura, dentre outros) e essa produção foi sendo guardada e registrada tendo como inspiração a constituição do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente (MII), fundado pela doutora Nise da Silveira na década de 1950, na sede do antigo Centro Psiquiátrico Nacional localizado no Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, o diálogo com a Museologia, que se originou em 2018 através da exposição curricular *IMENSA MENTE - Caminhos da Saúde Mental: do existir ao resistir*¹⁰, demonstra-se profícuo e necessário, constituindo-se como espaço laboratorial para os docentes, discentes, técnico e pesquisadores da área que se interessam por todas as ações que integram a cadeia operatória da Museologia. É significativo destacar que o MEOC-HPSP é o primeiro museu de Arte e Saúde Mental da região Sul, com uma tipologia de acervo singular e específica com uma série de desafios e potencialidades para a formação e inserção profissional no campo,

¹⁰ Para conhecer mais sobre a exposição curricular *IMENSA MENTE*, acesse sua subcoleção no repositório do Programa Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/exposicoes-curriculares/>. Acesso em setembro de 2022.

somando-se a iniciativas já consolidadas no campo, como o MII, o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (RJ) e o Museu de Arte Osório César (SP).



Figura 6 - Registro de uma das paredes da Oficina de Criatividade do HPSP (2021). Fonte: Das autoras, 2022.

Percebemos que as propostas extensionistas aqui reunidas dialogam com as premissas da Nova Museologia no sentido de fomentar ações colaborativas que compreendem a sociedade como agente ativo que deve estar atuando e participando dos processos de salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural. Desse modo, compreendemos que esse movimento que norteia muitos dos nossos projetos busca estabelecer interlocuções com diferentes grupos sociais engajando os discentes em diversas atividades como bolsistas e/ou estagiários com vistas à sua inserção futura como profissionais “[...] tendo como objetivo principal utilizar o patrimônio cultural, como um instrumento para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento social” (SANTOS, 2002, p. 117).

O Projeto “Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS” criado em 2018 é outro exemplo claro do fortalecimento dos vínculos que o Curso vem estabelecendo com instituições dentro e fora da Universidade. A partir da parceria desenvolvida com

a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS (REMAM)¹¹, o projeto visa colaborar com a salvaguarda das coleções e acervos museológicos, tendo como principal objetivo “orientar os espaços da Universidade que guardam acervo museológico, integrantes ou não da REMAM, visando uma melhor gestão documental e disponibilização de informações ao público, tornando, assim, esses conjuntos documentais fontes de futuras pesquisas” (SILVA; MACHADO; FREITAS; FARIA, 2019, p. 62). Desde sua fundação, o projeto já orientou e desenvolveu ações interligadas de ensino, pesquisa e extensão junto ao Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física (AMLEF) do Instituto de Física da UFRGS, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e Memorial da Faculdade de Medicina. A partir de 2021, em uma nova reestruturação do projeto, o Curso passou a colaborar na gestão documental e divulgação de acervos por meio do repositório digital Tainacan. Na lista de parceiros destacamos o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), estreitando os vínculos com a comunidade externa à Universidade.

Muitos são os projetos já desenvolvidos e/ou em andamento que nos movem e nos provocam a pensar no futuro. Como coletivo buscamos traçar um caminho que nos possibilite experienciar múltiplas realidades e cenários, inserir nossos/as estudantes em ações desafiadoras para a Museologia, as quais sigam fortalecendo nossos laços com a sociedade e nos motivem a seguir pesquisando e repensando nossas práticas.

4. Museologia e Museologia da resistência

Viajando pela Museologia

Meu nome é Diogo Santos Gomes, sou estudante de Museologia da UFRGS desde o ano de 2017. A memória que eu venho relatar é sobre minha primeira viagem acadêmica, que foi para Recife, em Pernambuco, em novembro do ano de 2018. Esta viagem foi muito importante para mim, e foi algo que abriu a minha mente para a Museologia. Essa viagem foi proporcionada por causa da minha bolsa que eu estava naquele momento, no projeto Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias, meu trabalho era documentar os registros históricos sobre os dez anos do Curso de Museologia da UFRGS, e eu tive que ir na Universidade Federal de Pernambuco, com minha colega Lourdes Agnes, para fazer apresentação sobre a bolsa e sobre como trabalhávamos no nosso projeto. Foi uma experiência

¹¹ “A REMAM foi criada em 7 de dezembro de 2011 através da Portaria nº06493, sob a coordenação do Museu da UFRGS. A adesão é voluntária e em sua primeira formação contava com 24 membros, além do curso de graduação em Museologia” (SILVA; MACHADO; FREITAS; FARIA, 2019, p. 60).

incrível e fico muito feliz de poder falar que a Museologia me proporcionou minha primeira viagem de avião, me proporcionou minha primeira viagem para fora do estado do Rio Grande do Sul, e todas as oportunidades que tive de conhecer vários museus novos, eu conheci lá o Museu do Homem do Nordeste, que foi um dos melhores museus que eu conheci, e a experiência que eu tive com esta viagem foi algo que eu não tenho como colocar em palavras, foi muito importante pra mim e eu só tenho que agradecer as pessoas que me ajudaram a ir, que são a Carol, o Elias e a própria Lourdes que me orientou muito nessa viagem. É isso! (GOMES, 2020, inf. verbal)

Para compreender os delineamentos do Curso de Museologia da UFRGS um ponto de partida é observarmos seu objetivo na organização curricular:

[...] formar profissionais que atuem na preservação e gestão do patrimônio integral nas suas dimensões culturais e ambientais, promovendo ações de salvaguarda, investigação, comunicação e preservação dos bens culturais (materiais e imateriais) com vistas à transformação social e à construção da cidadania. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019, p.10)

Entendendo a formação no âmbito humanístico e de forma abrangente o Curso traz como proposta, conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia:

1) oportunizar condições adequadas para que o/a aluno/a possa desenvolver competências e habilidades para o exercício profissional da Museologia, reforçando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; 2) produzir e divulgar o conhecimento na Área da Museologia em uma perspectiva integrada às demais ciências; 3) habilitar profissionais para atuarem de forma dinâmica no gerenciamento de instituições, para formulação e implementação de políticas vinculadas ao campo da Museologia e para a utilização de metodologias e técnicas no âmbito da salvaguarda e da comunicação com vistas à preservação de diferentes tipologias de acervo - incluindo a cultura material, imaterial e digital.(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019, p.10)

Como uma referência e, em razão da própria solidez do Curso, se estabelecem relações institucionais com espaços museais de Porto Alegre e da região metropolitana, seja por meio de parcerias e convênios, seja pela atuação de estudantes e egressos/as.

O perfil do/a profissional diplomado/a deve considerar especificamente:

[...] compreender o Museu como fenômeno que se expressa sob diferentes formas, consoante sistemas de pensamento e códigos sociais; a interpretar as relações entre homem, cultura e natureza, no contexto temporal e espacial; intervir, de forma responsável, nos processos de identificação, musealização, preservação e uso do patrimônio, entendido como representação da atividade humana no

tempo e no espaço; realizar operações de registro, classificação, catalogação e inventário do patrimônio natural e cultural; planejar e desenvolver exposições e programas educativos e culturais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019, p.12)

As habilidades e competências levam ao envolvimento entre docentes e discentes no sentido de compromisso para atingir os objetivos e efetivar a atuação que leve a uma Museologia crítica, inclusiva e polifônica

Na formação superior, o âmbito do ensino também se destaca por atividades externas, onde se desenvolvem as saídas de campo, as viagens de estudo, os estágios - curriculares ou não obrigatórios, as visitas técnicas etc. Os/as estudantes compartilham experiências a partir destas atividades coletivas. De outra parte, os projetos de extensão, as pesquisas e as publicações que colaboram para a disseminação do conhecimento reforçam os três pilares em que se assenta a Universidade, juntamente com o ensino, que reforçam o aprendizado e as vivências.

Ao visitarmos as memórias do Curso, se sobressaem as reflexões que a Museologia suscita, e que conduzem os/as estudantes por caminhos de prática de cidadania e de atuação coletiva. Estas memórias afetivas nos falam de vivências e crescimentos, para além de comprometimentos.

É muitas vezes a partir da graduação em uma universidade pública, gratuita e com ensino qualificado e reconhecido que se oportunizam possibilidades de conhecer novos ambientes, de deslocar-se, sair de sua região e vivenciar novas e efetivas experiências na formação acadêmica. É o que se pode observar na colaboração do aluno Diogo Santos Gomes sobre sua primeira viagem acadêmica, memória apresentada como epígrafe desta seção. Ao vivenciar uma viagem num projeto de extensão se sobressaem trocas com a comunidade, relações duradouras e fatos marcantes para a formação e o ingresso na vida profissional, memórias que ultrapassam o conteúdo informacional aprendido, mas influenciam diretamente na dimensão sensível que o perfil do/a egresso/a compreende.

O caminho percorrido na Universidade também oportuniza a participação política dos estudantes. O fechamento da exposição QueerMuseu, em 2017, levou muitas pessoas à Praça da Alfândega, ponto central e de efervescência cultural do Centro da cidade de Porto Alegre, num ato de protesto e lá estiveram discentes e docentes do Curso de Museologia, acompanhando as manifestações que se davam naquela oportunidade. Também no ato Museologia e Resistência, em contraposição ao que propunha o governo ao desmontar o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e

criar a Agência Brasileira de Museus (ABRAM), o Curso de Museologia estava presente. Nas palavras de Giovanna Veiga, destacadas em sua memória afetiva e imagem selecionada (Figura 7):

Museologia em resistência

Eu sou Giovana Veiga, entrei no Curso em 2016 e a minha memória afetiva sobre o Curso de Museologia é sobre o ato Museologia Resiste, que aconteceu no dia 28 de setembro de 2018. Nos reunimos na Praça da Matriz e seguimos em caminhada com cartazes e algumas palavras de ordem e depois realizamos um abraço no Museu Júlio de Castilhos e também no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Depois finalizamos na Praça da Alfândega, onde a gente conseguiu conversar e entregar alguns materiais gráficos que esclarecessem um pouco a situação que estava ocorrendo para as pessoas que passavam por ali, pois muitos não sabiam do que se tratava. Este ato foi pensado como uma forma de repúdio contra as MPs 850 e 851 que foram publicadas no dia 11 de setembro de uma forma muito autoritária por parte do governo que não teve diálogo algum com o campo museológico e se aproveitou de uma janela de oportunidade para pôr em prática um planejamento de desmonte e privatização dos museus. Acho que foi muito bacana perceber o engajamento de nós estudantes, dos nossos professores e dos profissionais de museus, muitos egressos também do Curso, tanto na assembleia que antecedeu o ato quanto no próprio evento. A assembleia aconteceu uns dias antes e contou com a presença do José Nascimento Jr. e do Pedro Vargas, que nos ajudaram a esclarecer as questões envolvidas nesse processo e que muitos de nós desconheciam. Acho que isto acabou fortalecendo ainda mais a vontade daquelas pessoas que estavam ali conversando e dialogando de realizar um movimento que mostrasse que não estavam de acordo com aquilo e que exibisse nosso descontentamento. Foi um momento muito bonito de união, de afirmação de nossos posicionamentos frente ao que estava acontecendo. Foi naquela época e segue sendo muito importante a gente estar atento para os movimentos que podem influenciar neste campo que é tão querido por todos nós. (VEIGA, 2020, inf. verbal)

O relato da estudante destaca a atenção aos movimentos sociais que circundam o campo museal e a forma como se pode reforçar e resistir numa efetiva participação cidadã nas questões de discussão e reflexão relativas às políticas públicas para museus, para além de informação à população. Atila Tolentino (2017, doc. eletrônico) indica:

Onde há memória, há poder. Onde há poder, há resistência. Ninguém cria museu sem desejo de poder. E a resistência é também uma forma de poder. Cada vez mais as identidades de resistências, na acepção de Castells (2008), antes silenciadas e subjugadas, têm se apoderado dos museus e se empoderado por meio deles.



Figura 7 - Registro do ato Museologia Resiste. Fonte: Programa de Extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, Coleção Itinerários, Item MSL6.1.2¹².

O autor nos ajuda a potencializar o papel social dos museus no âmbito das discussões e problematizações que são questões importantes a serem apresentadas, tensionadas e trabalhadas nos museus, a fim de disseminar o conhecimento e evitar apagamentos (TOLENTINO, 2017). Outras experiências que estão presentes no Curso de Museologia levam em consideração a preparação para as práticas profissionais, seja por meio de estágios ou mesmo pelo desenvolvimento de exercícios, avaliações ou propostas de trabalho que são desenvolvidas em sala de aula. João Maximo Simoni Neto aponta, a partir de suas memórias afetivas que ao terminar o Curso foi invadido por uma sensação de abandono, de algo que fazia parte dele e que se perdia. Destaca, em suas palavras, a coletividade e sua importância na Fabico:

A Caminhada

Meu nome é Máximo e ingressei na FABICO, no Curso de Museologia, em 2014. Colei grau em 4 de fevereiro de 2021. Foram seis anos de estudo, não contando com o ano de 2020, onde ficamos todos lutando contra a Covid. Portanto, no total, foram sete anos de FABICO e UFRGS. Imaginei que a colação de grau fosse algo intensamente feliz, mas não foi, houve uma sensação de perda, de nostalgia, como se houvesse sido abandonado, ou ter abandonado algo que fazia parte de mim. Comecei a pensar e a lembrar das professoras, dos fatos pitorescos, dos colegas das viagens, e até de algumas situações tristes em que participei. Resolvi relatar o que mais me impactou, e quanto eu mais me lembrava, mais eu entendia que eram memórias individuais, tinham muito a ver comigo, mas não

¹²Número de registro MSL6.1.2 da Coleção Itinerários, disponível em: <https://memoriamslufgrs.online/tainacan/colecao/itinerarios/>. Acesso em setembro de 2022.

com o coletivo, e isso é importante na FABICO, a coletividade. Escolhi uma memória que representa exatamente isto, a união fabricana. Em outubro de 2016 eu estava na disciplina Estudos sobre Patrimônio Cultural e Museus com a professora Márcia Bertotto, tínhamos que escolher uma atividade extra-muros, optamos por uma caminhada pela Rua da Praia, iniciando na Santa Casa e terminando na Praça da Alfândega. Cada um de nós faria pesquisas sobre cada prédio histórico e cada estabelecimento comercial que houvesse se tornado patrimônio material e/ou imaterial de Porto Alegre. Foi um sucesso. Em um dia normal da semana conseguimos reunir mais de 70 pessoas entusiasmadas com o evento, um legítimo museu de percurso. Resolvemos, então, transpor a Rua da Praia para dentro da Fabico, até adesivamos o piso com uma cópia do calçamento histórico, retratamos as várias épocas em que a rua foi palco de inúmeras gerações. Nos caracterizamos com trajes de época e simulamos o footing, a caminhada de final da tarde que ocorria sempre desde décadas, através dos anos 50, 60, 70 e 80. Contratamos um fotógrafo lambe-lambe com a sua máquina de caixote, fotografando e revelando as fotos na hora [figura 8]. Fizemos bottons, marcadores de página com o calçamento histórico da Rua da Praia para lembrar o evento. Foi incrível a quantidade de colegas e professores que nos assistiram e ali, também iniciei amizades que mantenho até hoje, o Nicholas, a Agnes, a Luiza, a Suse, a Anelise, a Ana... olha, eu agradeço a presença na minha vida de todos os outros colegas e professoras durante os sete anos na FABICO. Espero que gostem dessas memórias! (SIMONI NETO, 2021, inf. verbal)



Figura 8 - Registro do fotógrafo lambe-lambe. Fonte: Programa de Extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, Coleção Itinerários, Item MSL6.1.14¹³.

¹³Número de registro MSL6.1.14 da Coleção Itinerários, disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/itinerarios/>. Acesso em setembro de 2022.

O relato permite identificar a oportunidade de atuar e experienciar as potencialidades da formação para uma futura colocação no mercado profissional. A atividade escolhida pelos/as estudantes apresentada no relato acima teve desdobramentos. A disciplina Museu, Patrimônio e Cidade, a partir do interesse dos/as discentes, desenvolveu a produção de um documentário relatando a mobilização da comunidade em ação junto a uma praça da cidade de Porto Alegre, que representa importante movimento coletivo em relação ao patrimônio cultural.

Também na pesquisa e produção acadêmica o Curso de Museologia da UFRGS tem se destacado. As premiações, em número total de cinco, na categoria Trabalho de Conclusão de Curso Regional Sul de Museologia promovida pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), apresentados entre 2010 a 2021, se deram em razão das apropriadas temáticas contemporâneas e de reflexões que suas abordagens apontam, na direção de questões ambientais, inclusivas e de diversidade.

5 Museologia do afeto

Museologia do Afeto

Olá, meu nome é Ana Carolina Gelmini de Faria, sou professora do curso de bacharelado em Museologia da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e integro também o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade. Estou na FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] desde 2011 e muitas memórias me vieram à tona nesse exercício reflexivo. Umhas engraçadas, como quando a mãe de um estudante assistiu minha aula esperando por ele e nós não sabíamos quem era ela, e outras tristes, como o falecimento da nossa aluna Marilete Nicoli. Mas decidi compartilhar uma memória do dia 28 de fevereiro de 2018, uma formatura que tive a felicidade de ser paraninfa, e como paraninfa, me cabia um discurso para um grupo de formandas, composta só por mulheres. Ao meu lado, a professora Lizete Dias de Oliveira era homenageada, e a professora Ana Maria Dalla Zen era a decana que presidiu a sessão. Decidi então fazer um discurso para essas mulheres, que como eu carregam uma história de lutas que atravessam os séculos em busca de direitos igualitários. Todas as mulheres que descrevi naquela noite eram insubstituíveis, mas meu coração estava apertado, as professoras Lizete e Dalla estavam em processo de aposentadoria e eu estava arrasada por isso. Decidi que ali seria um momento oportuno de declarar o quanto elas são importantes para o curso de Museologia, para a FABICO, para a UFRGS, mas, especialmente, para as nossas vidas. Tentei passar para o papel toda a minha gratidão por ter essas mulheres na minha trajetória. A professora Lizete me ensinou a ser comprometida com a vida, a ser grata pelo meu corpo e minha mente, e a investir no meu autoconhecimento. É uma pessoa feliz e compartilha conosco a

sua felicidade. A professora Dalla é uma mulher forte, entusiasmada, encorajadora e defensora de seus ideais, nos inspira a buscarmos sempre o nosso melhor. Foi uma noite linda, de muito amor, de laços que vão para além do trabalho. Lizete e Dalla marcam as nossas vidas pelo exemplo que são. Ao compartilhar essa memória com vocês gostaria de reforçar que os laços afetivos que vivenciamos no dia a dia da universidade são fortes, e que marcamos as pessoas em nossa volta mais do que podemos supor. Há mais valores que nos unem do que nos separam, e são essas vivências do cotidiano que ficam em nossas vidas. Abraços fraternos a todos e todas, obrigada por ter escutado este áudio. Um beijo. (FARIA, 2020, inf. verbal)

Optou-se encerrar a apresentação do curso de Museologia da UFRGS destacando uma das dimensões intangíveis do processo de ensino-aprendizagem: o afeto, resultado das relações cotidianas. Essa é uma perspectiva difícil de se capturar, embora sentimentos como simpatia, admiração, estima, ou mesmo, frustração, desapontamento, insatisfação estejam presentes nas dinâmicas de um curso de formação. De acordo com Costa (2017, fl.1-2):

Tão importante quanto às metodologias de ensino usadas no cotidiano escolar é o espaço que o afeto ocupa na construção do conhecimento [...]. Ter consciência das relações afetivas que ocorrem de forma sensível e predominante nos momentos de mediação cotidianas está em consonância com a ideia de educação mais humana [...].

A afetividade nos estudos da Educação vai para além da ideia de sinônimo de amor, se refere ao potencial que o ser humano possui de ser afetado positiva ou negativamente por sensações que influenciam diretamente a construção da pessoa e do conhecimento. Os processos educativos requerem, mais do que um desenvolvimento intelectual, uma interação afetiva e social que permita a formação não só de profissionais, mas de cidadãos.

Waldisa Rússio Guarnieri (1983) foi uma profissional que estudou e apontou perspectivas para as dinâmicas da produção do conhecimento museológico. No nível do ensino a autora defendia a emergência de um processo mais democrático, nas quais a relação aluno - professor “[...] não configura jamais uma relação de dominação e de autoridade imposta, tornando possível um diálogo efetivo, um clima de humildade, de respeito e confiança recíprocos, de liberdade, no qual a educação, a ciência e o homem têm a possibilidade de crescer” (GUARNIERI, 1983, p.135). Creditava, a essa relação, a formação do(a) museólogo(a) como um trabalhador(a) social:

O museólogo é, hoje, um agente consciente de seu papel profissional, humano e social. Não é um "amado dos deuses", é um homem comum. Não é um eleito por seu talento excepcional: é um profissional que realiza, a um só tempo, o ser cientista e trabalhador social. Não é neutro: está consciente de que vive num mundo desigual e dividido e de que deve, cotidianamente, fazer opções; está consciente mesmo do fato de que pode escolher entre o retrocesso ou "estabelecimento" confortável e o devir (nem sempre tranquilo). (GUARNIERI, s.d., p.242).

A subcoleção Afetividades Sonoras do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* foi concebida como um exercício de estimular o fortalecimento de laços afetivos no ciberespaço no período de isolamento social por conta da pandemia de Covid-19. Com seu desenvolvimento, se mostrou um espaço de encontro e partilha. As memórias aqui destacadas são alguns dos muitos exemplos de que, para além da formação de habilidades e competências, as relações pessoais marcam profundamente o cotidiano universitário. A epígrafe desta seção, memória intitulada *Museologia do Afeto*, é uma evidência de como a dimensão socioafetiva produzida no cotidiano marca a identidade das pessoas envolvidas, assumindo papel essencial na formação dos discentes e no trabalho dos docentes e técnico-administrativos: a dimensão afetiva se faz presente no bojo das diferentes interações humanas, potencializando a construção de um trabalho que se pautela pela coletividade e sensibilidade, pela formação pessoal e tomada de consciência de si e do outro (ARNOSTI; BENITES; SOUZA NETO, 2013). De acordo com Nóvoa (1992, p.26):

[...] é importante a criação de rede de (auto) formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interactivo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua [...].

O campo museológico tem trabalhado, cada vez mais, a perspectiva da *Museologia do Afeto*, que defende “uma *Museologia* com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social” e recomenda que suas “considerações passem a representar os princípios de uma *museologia* sensível e compreensiva, constituída de novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação e com capacidade de escuta.” (MINOM, 2013, doc. eletrônico). Essa proposta pode e deve se iniciar nos espaços de formação profissional.

As memórias coletadas sobre a *Museologia* na UFRGS revelam que as emoções - seja a da descoberta pela criação do curso; a do encorajamento de participar de atos políticos em nome do curso; do entusiasmo de te oportunidades de

aprender em diferentes contextos com o curso; e da gratidão pelos encontros que o curso proporciona - constroem valores importantes para a formação de um/a profissional comprometido com a dimensão coletiva. É um processo que os envolvidos com o curso defendem e reconhecem como um diferencial: postura que vai na contramão do individualismo, da competitividade, da desvalorização do campo museal e da cultura.

As professoras Lizete Dias de Oliveira e Ana Maria Dalla Zen fizeram parte da comissão que idealizou e implementou o curso de Museologia em 2008. Ambas tiveram uma participação marcante nas atividades de ensino, extensão e pesquisa do curso. Poderíamos supor que suas aposentadorias finalizariam as suas contribuições no curso. Mas as professoras são exemplos de como a memória é uma ferramenta poderosa: pela dimensão do afeto são citadas pelos seus comprometimentos com o outro, com a comunidade, com a formação de futuros/as profissionais e cidadãos. Elas representam inúmeros/as estudantes, docentes e técnicos/as-administrativos/as que passaram pela formação. Desejamos, profundamente, que a lembrança da passagem pela Museologia da UFRGS seja a do afeto.

Considerações finais

No balanço de quase 15 anos de existência do Curso de Museologia da UFRGS se observa a consolidação da formação em Museologia na Universidade e na região. A graduação busca formar museólogos/as que se tornem agentes de reflexão sobre a Museologia na contemporaneidade a partir do estudo, análise, crítica e atuação em instituições e espaços da sociedade onde seja necessário o desempenho de funções de caráter museológico. Refletir, tensionar, executar a polifonia, o respeito, são passos perseguidos pelos/as agentes que estão presentes em todas as pontas do curso.

A referência da formação de graduação se reflete nas mais variadas ações: no desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, na representatividade de egressos/as em cargos do Conselho Regional de Museologia 3ª Região/RS, na colocação em vagas disponíveis em concursos públicos para museólogos no Rio Grande do Sul, capital e interior, e mesmo fora da região. Estudantes se aventuram além-mar, e hoje são profissionais reconhecidos/as. Também a ocupação de cargos de gestão em museus locais e nacionais reforça as habilidades e competências do Curso. Outros/as egressos/as percorrem o caminho do

empreendedorismo e atuam de forma autônoma, âmbito que tem sido perseguido por museólogos/as que criaram empresas e estão em franca atuação.

Ao celebrarmos nove décadas de formação em Museologia no Brasil, observa-se o esforço empenhado na criação de cursos em nível de graduação em todas as regiões brasileiras, para além do pioneiro Curso de Museus de 1932, movimento que contribuiu diretamente para a consolidação do campo museal brasileiro. A formação na UFRGS tem buscado contribuir nessa direção, seja em nível de graduação ou pós-graduação. São quase 15 anos de investimento no ensino, extensão, pesquisa e inovação da Museologia, um compromisso que pelas memórias compartilhadas ultrapassam a transmissão de conteúdos, envolve também uma formação cidadã e de militância que valorize uma inserção social do/a profissional. A Museologia da UFRGS preza o ensino das habilidades e competências do/a museólogo/a, mas também a solidariedade, o comprometimento, a partilha e o afeto. As memórias apresentadas permitem interpretar que esse exercício é uma marca da formação proposta. A demonstração de luta e resistência está presente neste esforço coletivo para a manutenção das atividades em tempos difíceis - mas efervescentes - em que se buscam panoramas inclusivos e diversos. Vida longa à Museologia.

Referências

- AGNES, Lourdes Maria. *Sempre aprendendo*. [S.l.]: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2020. 1 arquivo digital/WAV (2:03 min).
- ARNOSTI, Rebeca Possobom; BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel de. Profissão Professor: a dimensão afetiva contemplada em sua identidade. *Educação: Teoria e Prática*. Rio Claro, vl. 23, n.44, 2013. p.5-17.
- BLANCO, Angela G. *La exposición, un medio de comunicación*. Madrid: Ediciones Akal, 2009.
- CHAUMIER, Serge. *Traité d'expologie - Les écritures de l'exposition*. Paris: La Documentation Française, 2013.
- CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- DAVALLON, Jean. Comunicação e Sociedade: pensar a concepção da exposição. In: *Museus e comunicação: exposição como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010, p. 17-34.
- FARIA, Ana Carolina Gelmini de Faria. *Museologia do Afeto*. [S.l.]: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2020. 1 arquivo digital/WAV (2:21 min).
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Dialogando com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- COSTA, Gisele Ferreira da Costa. *O afeto que educa: afetividade na aprendizagem*, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: ufjf.br/pedagogia/tccs. Acesso em agosto de 2022.

GIOVANAZ, Marlise; FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre. *Museologia & Interdisciplinaridade*, n.11, v.21, p.92–109, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41265>. Acesso em setembro de 2022.

GOMES, Diogo Santos. *Viajando pela Museologia*. [S.l.]: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2020. 1 arquivo digital/WAV (1:40 min).

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Exposição: texto museológico e o contexto cultural, 1986. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 137-143.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Quem são e o que fazem os museólogos? s.d. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p.237-243.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Sistema da Museologia, 1983. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p.127-136.

MINOM. *Declaração do Rio "Museologia do Afeto"*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://ecomuseus.wordpress.com/minom-conferencias-internacionais/declaracao-do-rio-2013-museologia-do-afeto/>. Acesso em agosto de 2022.

MINUZZO, David Kura. *Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania: vozes, olhares e expectativas de seus agentes e atores sociais*. 2011, 171p. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/Curso de Museologia, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40128>. Acesso em agosto de 2022.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. *No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor: a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis*. 2009, 281p. Tese(Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22513>. Acesso em agosto de 2022.

NÓVOA, Antonio. Notas sobre a formação (contínua) de professores. In: NÓVOA, Antonio (coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Don Quixote, 1992. p.15-34.

OLIVEIRA, Ana A.; COSTA, Carlos A.; NUNES, Gilson. Perfil dos Cursos de Museologia do Brasil. *Sendas da Museologia*. Ouro Preto: UFOP, 2012.

SANTOS, Maria Célia Teixeira dos. Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, v.18, p.93-139, 2022. Disponível em: <https://revistas.ulufona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>. Acesso em agosto de 2022.

SIMONI NETO, Máximo. *A caminhada*. [S.l.]: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2021. 1 arquivo digital/WAV (3:30 min).

SILVA, Ana Celina Figueira da. *O primeiro contato*. [S.l.]: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2021. 1 arquivo digital/WAV (5:14 min).

SILVA, Ana Celina Figueira da; MACHADO, Elias Palminor; FREITAS, Nathália; FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Gestão de acervos museológicos da UFRGS: pesquisa e registro do acervo do Instituto de Física com a utilização do Tainacan. In: *Anais do IV Seminário de Gestão do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia* [recurso eletrônico]: epistemologia e políticas para o Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia / Organização : Emanuela Sousa Ribeiro, Bruno Melo de Araújo, Marcus Granato. - Recife: Ed. UFPE, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.tainacan.org/wp-content/uploads/tainacan-items/4329/8822/001097290-1.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; MACHADO, Elias Palminor. A curadoria de exposições curriculares: uma construção coletiva. In: *Anais do 2 Seminário Brasileiro de Museologia*. Recife, PE, Museu do Homem do Nordeste, 16 a 20 de novembro de 2015, p. 89-110. Recurso eletrônico. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/2Sebramus/2sebramus/schedConf/presentations>. Acesso em agosto de 2022.

TOLENTINO, Atila. Os museus e as vozes das memórias de resistência. *Revista Museu*, 2017. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2017/2798-os-museus-e-as-vozes-das-memorias-de-resistencia.html>. Acesso em setembro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Projeto Pedagógico do Curso de Museologia*, Porto Alegre, 2019. 57p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/museologia/PROJETOPEDAGGICOMUSEOLOGIAUFRGS/SVersoFinal.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

VEIGA, Giovana. *Museologia em Resistência*. [S.l.]: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2020. 1 arquivo digital/WAV (2:01 min).

ZEN, Ana Maria Dalla (org.). *Aulas de Museu*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

ZEN, Ana Maria Dalla; FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Museu das Ilhas, Porto Alegre/RS, Brasil: um exercício museal comunitário. *Cadernos do CEOM*, Chapecó (SC), v. 34, n. 54, p. 130-141, Jun/2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223251/001127324.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em setembro de 2022.

Data de recebimento: 15.09.2022

Data de aceite: 25.10.2022